



Ser professor(a) — Tributo a Bento de Jesus Caraça

Cecília Costa

Nota introdutória

Apesar da irreverência da (minha) juventude e da (minha) inexperiência, não teria tido a audácia de escrever sobre Bento de Jesus Caraça, se não me tivessem convidado para tal.

Foi com o objectivo de assinalar o centenário do nascimento desta figura de excepção da nossa sociedade que a revista *Educação e Matemática* me propôs este desafio, o qual eu aceitei com verdadeira emoção.

Eu sou professora. E para mim, ser professor(a) é muito mais do que ser um(a) profissional. Ser professor(a) é uma filosofia de vida. Se me perguntassem qual o perfil ideal do professor(a), sem hesitações responderia: Bento de Jesus Caraça.

É pois com inegável admiração e com sincera humildade que dedico estas palavras a tão exemplar Professor.

Não há prisão que detenha um homem livre

O primeiro passo de Bento de Jesus Caraça para a conquista da liberdade foi dado, no Alentejo, com a ajuda de um trabalhador errante com quem aprendeu as primeiras letras e lhe ofereceu a *Cartilha Maternal de João de Deus*.

Filho de trabalhadores rurais do início do século XX, o seu futuro estava traçado: trabalhar no campo tal como já acontecia com os dois irmãos mais velhos, Francisco e António, e mais tarde viria a repetir-se com Filomena, a sua irmã mais nova. Porém, como por vezes ocorria nesta época, alguém se interessou pela educação desta criança que desde cedo deu provas da sua inteligência.

Com o apoio da proprietária da herdade onde os pais trabalhavam, Bento de Jesus Caraça inicia os seus estudos na Escola Primária de Vila Viçosa. Passa pelo Liceu de Sá da Bandeira em Santarém e em 1918, então com 17 anos, termina, com distinção, o curso liceal no Liceu Normal Pedro Nunes, em Lisboa. A sua vida continua a não ser fácil; as explicações ajudam-no a sobreviver.

Determinado na sua caminhada, ingressa no Instituto Superior do Comércio, mais tarde designado Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF).

Começou por ocupar o lugar de 2º



1ª edição de *Conceitos Fundamentais da Matemática*, Vol. I (1941) e Vol. II (1942).

assistente, quando ainda era aluno, a convite de Aureliano de Mira Fernandes.

Bento de Jesus Caraça licenciou-se com distinção, em 1923 no ISCEF, onde permaneceu como docente, atingindo o cargo de Professor Catedrático em 1929.

As palavras de Joaquim Jacobetty Rosa, citadas em [1] que a seguir transcrevemos, caracterizam Bento de Jesus Caraça como intelectual e como professor e traduzem o dinamismo intelectual que este imprimiu no ensino universitário do ISCEF que se concretiza designadamente com a criação do Centro de Estudos Matemáticos Aplicados à Economia (juntamente com Mira Fernandes e Beirão da Veiga), com a Revista de Economia (fundada por seus ex-alunos). É também membro activo da recém (1940) criada Sociedade Portuguesa de Matemática.

... dentro de pouco tempo, após ter entrado na universidade, a sua rica personalidade, trabalhada e desenvolvida por constantes, metódicas e seleccionadas leituras e, simultaneamente, pelo trabalho escolar e pelas suas intervenções como

tribuno, como doutrinário e como orientador, nas associações, nas academias e nas sociedades e publicações culturais dessa época, tornou-o uma espécie de ídolo da mocidade estudantil e universitária, que com ele procurava conviver, frequentando-lhe as aulas, pedindo-lhe constantemente uma indicação útil, um ensinamento, um conselho, uma comunicação escrita, uma conferência, uma oportuna nota bibliográfica, um livro e, tantas vezes, a sua intervenção directa nos trabalhos, nas pugnas e nas animadas, operosas e por vezes agitadas sessões das assembleias académicas. (...) [Como professor, a conquista de alunos é assombrosa pois] a sala era pequena para conter alunos de outras escolas que vinham avidamente assistir às suas lições.

Mesmo assim, Caraça foi demitido das suas funções em 7 de Outubro de 1946, como represália da ditadura nacional à sua actuação em prol da liberdade e do desenvolvimento social e cultural da população.

Como nunca esqueceu as suas raízes, mantendo vivas as recordações da

infância difícil vivida entre os trabalhadores rurais do Alentejo, esteve sempre ao lado dos mais desfavorecidos, defendendo que a educação e a cultura tinham um papel fundamental na democratização da sociedade.

A luta pelos seus ideais, levou-o por um lado a fundar o Movimento de Unidade Nacional Antifascista que mais tarde deu origem ao Movimento de Unidade Democrática e por outro lado a Universidade Popular Portuguesa para promover a formação e desenvolvimento cultural dos trabalhadores, a qual foi encerrada pelo Governo em 1942/43, pois este defendia que "a instrução é um instrumento perigoso que não pode andar em todas as mãos" [Pimenta in 1]. Também a Biblioteca Cosmos, fundada em 1941 é obra sua. Mais um passo para a divulgação da ciência para todos; a Biblioteca Cosmos editou 145 números.

Foi por estas e outras actividades de intervenção sócio-política que foi perseguido pela polícia política levando-o à sua expulsão do ISCEF.

Foram mais uma vez as explicações que o ajudaram a sobreviver.

Caraça foi essencialmente um pedagogo, um investigador no Ensino da Matemática... "um grande educador" nas palavras de Ruy Luís Gomes [2].

Em minha opinião um grande educador que não se cingiu às paredes do seu Instituto e que usava o "seu poder de comunicação e o seu estilo pedagógico inédito, impregnado de humanismo e de verdadeira cultura" [Almeida in 3] para intervir social e culturalmente na sociedade.

É compreensível que um indivíduo como este constituísse uma ameaça para a ditadura nacional — há porém, que realçar e alertar que a eliminação dessa e de outras ameaças teve por consequência a perda de intelectuais e em particular de Matemáticos, de mérito inegável, que se viram forçados a desenvolver os seus estudos noutros países (nomeadamente na Argentina, no Brasil e nos Estados Unidos) onde contribuíram de modo brilhante para o progresso científico e cultural dos mesmos. Como é sabido, alguns desses Matemáticos são Ruy Luís Gomes (1905-1984), António Aniceto Monteiro (1907-1980), Manuel Augusto Zaluar Nunes (1907-1967), Hugo Baptista Ribeiro (1910-1988), Alfredo Pereira Gomes (1919), José Morgado (1921).

Infelizmente, não foi este o caso de Bento de Jesus Caraça pois faleceu dois anos após a sua demissão compulsória. Foi o culminar triste de uma vida demasiado curta (47 anos), mas de intensa luta política e social.

A sua saúde, marcada aos 18 anos por doença reumática que lhe provocou lesões cardíacas irreversíveis; a perda de familiares queridos, entre eles a primeira esposa e o primeiro filho; o desgosto de se ver afastado da docência, a sua grande paixão; os anos de luta, de privações e de perseguições pela polícia da ditadura nacional; a sua prisão e o encarceramento no Aljube em 1948; são aspectos que contribuíram para a sua morte prematura.

Ocupar a cátedra de Bento de Jesus Caraça era tarefa difícil e polémica. Difícil, pela impossibilidade de se substituir um indivíduo excepcional. Polémica, pelos sentimentos de solidariedade que a sua demissão pro-

vocou. A escolha recaiu sobre José Vicente Gonçalves. Em minha opinião, dadas as circunstâncias foi uma boa opção. Substituíram um indivíduo ímpar por outro indivíduo ímpar. Enquanto em Caraça realçava a vertente pedagógica, em Gonçalves era a vertente matemática a mais trabalhada. Por outro lado, a posição política neutra que lhe atribuíam teria solidez bastante para aguentar e acalmar as possíveis críticas de alguns colegas.

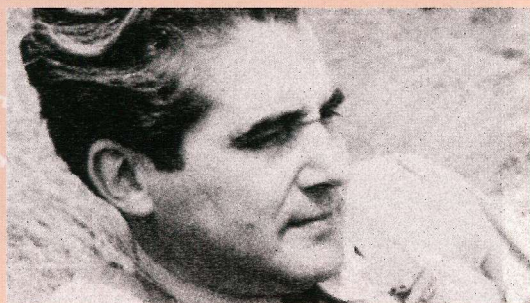
Não há censura que cale uma voz firme

Os intensos esforços da ditadura nacional em silenciar Bento de Jesus Caraça foram em vão, apesar das marcas dolorosas que deixaram. Para o provar temos entre nós a obra escrita deste matemático e humanista.

Destacamos o livro *Conceitos Fundamentais da Matemática* de 1941, recentemente reeditado (cerca de 50 anos após a 1ª edição, na Biblioteca Cosmos) o qual denota a atitude original deste Matemático-Pedagogo face à Matemática bem como ao seu Ensino. A Matemática é encarada pelo autor, como ciência em construção e não como ciência já feita. Nas suas palavras [3]:

A Ciência [Matemática], encarada assim, aparece-nos como um organismo vivo, impregnado de condição humana, com as suas forças e as suas fraquezas e subordinado às grandes necessidades do homem na sua luta pelo entendimento e pela libertação; aparece-nos, enfim, como um grande capítulo da vida humana social.

Outros textos seus para o ensino superior precederam este, nomeada-



mente, *Integração numérica e Interpolação polinomial* de 1933/34, *Lições de Álgebra e Análise* de 1935 e *Cálculo Vectorial* de 1937.

O segundo dos quais se notabilizou pelo rigor da exposição da teoria analítica dos números e possivelmente, esteve subjacente à polémica gerada por Neves Real em torno do livro *Curso de Álgebra Superior* de José Vicente Gonçalves.

Neves Real — a propósito de uma referência crítica de Ruy Luís Gomes ao livro *Lições de Álgebra e Geometria Analítica* de Madureira e Sousa, sobretudo relativa à maneira de definir número real — decide alargar a discussão a um debate geral sobre a forma como se expunha, à data, no ensino superior. Este artigo publicado na *Gazeta de Matemática* em 1949 é dedicado à memória de Bento de Jesus Caraça e nele pode ler-se:

(...) só no "clima" matemático português (...) se pode compreender plenamente como foi possível a uma personalidade da categoria do Professor Vicente Gonçalves, cientista a quem a matemática portuguesa deve serviços incalculáveis, redigir tão lamentavelmente o primeiro capítulo [Números reais] da "última e completamente remodelada edição" do seu *Curso de Álgebra Superior*. [4]

Dirigida a estudantes de matemática, universitários e pré-universitários, é criada uma outra publicação: a revista *Gazeta de Matemática* (a primeira revista de divulgação matemática editada em Portugal); fundada em 1940 por António Aniceto Monteiro, Bento de Jesus Caraça, Hugo Ribeiro, José da Silva Paulo e Manuel Zaluar Nunes.

De outra índole são os textos das Conferências proferidas por Bento de



Casa onde nasceu
Bento de Jesus Caraça,
em 1901

Jesus Caraça em diversas associações designadamente, na Universidade Popular Portuguesa, na União Cultural "Mocidade Livre", na Sociedade de Estudos Pedagógicos. Estes textos encontram-se compilados, desde 1970, no livro *Conferências e Outros Escritos* onde também se podem ler alguns dos artigos deste autor publicados em diversos jornais e revistas, a saber: no semanário *Liberdade*, no semanário *Globo*, no semanário *O Diabo*, na *Seara Nova*, na *Aqui e Além...* e na *Vértice*.

Deste modo as suas palavras em prol da educação e liberdade para todos continuarão firmemente a ressoar entre nós.

Nem força que trave uma vontade de aço

25 de Junho de 1948. Que dizer? Que Caraça morreu?! Não, não o direi. Bento de Jesus Caraça não morreu. Todos nós sabemos disso, todos nós festejámos o seu centésimo aniversário de nascimento!

Também Salazar e o seu Governo, protagonistas das suas perseguições, sabiam que a morte deste homem não era o bastante para o silenciar e se alguma dúvida ainda subsistisse, ela dissipar-se-ia perante a multidão pesarosa e silenciosa que, apesar do forte e intimidatório aparato policial, teimou em acompanhar Bento de Jesus Caraça à sua última morada.

Mas... mais de meio século passou desde esse dia.

Tempos difíceis de lutas pela liberdade e pelos sonhos deste e de muitos outros homens e mulheres se passaram até à alvorada do dia 25 de Abril de 1974. O dia da Revolução dos cravos!

Mas... mais de um quarto de século passou desde esse dia!

E o tempo apaga lembranças, serena ânimos, enfraquece vontades, adorce ideais...

Em minha opinião são pertinentes e merecidas todas as homenagens que têm vindo a ser feitas a Bento de Jesus Caraça. No entanto, como professora preocupada com o estado do ensino em Portugal e tendo presente as palavras de Dias Agudo:

Hoje, numa época em que se dá ao *publish or perish* uma importância que reputo exagerada, tem sido menor a percentagem de docentes universitários que se interessam pelos aspectos pedagógicos que tanto preocupavam os nossos matemáticos da década de 40. [5],

creio que a melhor homenagem que nós, professores, podemos fazer a Bento de Jesus Caraça é seguir o seu exemplo:

Lutou até ao fim pela educação, pelo conhecimento e pela cultura para todos, sem quaisquer limitações impostas. [6]

... porque não há médico, juiz, carasco ou grade. capaz de deter o pensamento.

Notas

- [1] *Bento de Jesus Caraça: Fragmentos de uma vida breve*, Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, 1998 (catálogo da exposição: Bento de Jesus Caraça - O Homem e o Tempo).
- [2] Ruy Luís Gomes, Bento Caraça Grande Educador, *Gazeta de Matemática*, nº 37-38, p. 4, Lisboa, 1948.
- [3] Bento de Jesus Caraça, *Conceitos Fundamentais da Matemática*, Gradiva, Lisboa, 1998.
- [4] Luís Neves Real, Problemas do nosso ensino superior, *Gazeta de Matemática* nº 40, pp. 1-4, Lisboa, 1949.
- [5] F. R. Dias Agudo, Sejamos dignos dos matemáticos portugueses da década de 40, *Gazeta de Matemática*, nº 138, pp. 7-12, Lisboa, 2000.
- [6] João Caraça, Bento de Jesus Caraça: Cem anos pela fraternidade, *Gazeta de Matemática*, nº 141, pp. 5-6, Lisboa, 2001.

Referências

- Natália Bebiano, Contributo para o estudo da obra matemática de Bento de Jesus Caraça, *Análise*, nº 13, pp. 161-173, 1990.
- Natália Bebiano, Bento de Jesus Caraça: Esboço biográfico, *Gazeta de Matemática*, nº 141, pp. 9-10, 2001.
- Bento de Jesus Caraça, *Lições de Álgebra e Análise*, Lisboa, 1936.
- Bento de Jesus Caraça, *Conferências e Outros Escritos*, Lisboa, 1978 (2ª ed.).
- Cecília Costa, *José Vicente Gonçalves: Matemático... Porque Professor!*, Tese de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2000.

Cecília Costa
Universidade de Trás-os-Montes
e Alto Douro